



Associação Brasileira de Saúde Coletiva - ABRASCO

GT Trabalho e Educação na Saúde

**OFICINA DE
GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

**“Mercado de Trabalho para os novos profissionais da Saúde
Coletiva”**

Relatório Final

Salvador, 29 e 30 de março de 2012.

Organização: GT Trabalho e Educação na Saúde da ABRASCO

Apoio: SEGETS/ Ministério da Saúde / OPAS

Data: 29 e 30 de março de 2012

Local: Instituto de Saúde Coletiva – ISC / UFBA – Salvador, Bahia.

Coordenação: Isabela Cardoso de Matos Pinto (Coordenadora do GT Trabalho e Educação da ABRASCO e Vice-Diretora do ISC/UFBA).

Assistentes da coordenação: Janete Castro (UFRN), Marcelo Castellanos (ISC/UFBA), Soraya Belisário (FM/UFMG), Tania Celeste Matos Nunes (ENSP/FIOCRUZ) e Terezinha de Lisieux Q. Fagundes (ISC/UFBA).

Coordenadora da Pesquisa “Acompanhamento dos Cursos de Graduação em Saúde Coletiva”: Tânia Celeste Matos Nunes (ENSP/FIOCRUZ).

Convidados Especiais: Eduardo Motta (Diretor do ISC/UFBA), Luís Eugênio Souza (ISC/UFBA e Vice Presidente da ABRASCO), Márcia Teixeira (ENSP/FIOCRUZ), Jorge Solla (Secretário de Saúde do Estado da Bahia), Haroldo Jorge Carvalho de Pontes (CONASS), Daniel Pinto (CONASEMS).

Apoio Administrativo: Francisco Salazar (ENSP/FIOCRUZ), Maria Anunciação Dias (ISC/UBA), e Rosângela Carvalho (ENSP/ FIOCRUZ).

Equipe de Relatoria: Isabela Cardoso Matos Pinto, Janete Castro, Soraya Belisário, Tânia Celeste Matos Nunes e Terezinha de Lisieux Q. Fagundes.

SUMÁRIO

1. Introdução, Objetivos e Metodologia da Oficina

2. Desenvolvimento da Oficina

3. Recomendações e Encaminhamentos

4. Anexos

1. Introdução, Objetivos e Metodologia

Dando continuidade às ações previstas no Plano Diretor do GT Trabalho e Educação na Saúde/ABRASCO como parte do projeto financiado pelo Ministério da Saúde / OPAS, no que diz respeito ao acompanhamento do processo de implantação dos Cursos de Graduação em Saúde Coletiva, que está sendo conduzido por um grupo multicêntrico desse GT, foi programado um segundo encontro com os coordenadores dos CGSC, professores e estudantes para discutir e aprofundar as questões sobre Mercado de Trabalho para os profissionais de Saúde Coletiva.

Esta oficina teve o objetivo geral de debater sobre o mercado de trabalho, a inserção desses profissionais e as estratégias capazes de viabilizar a absorção dos egressos dos Cursos de Graduação de Saúde Coletiva, e foi realizada em Salvador, com o apoio do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, nos dias 29 e 30 de março de 2012.

A dinâmica das atividades foi dividida em duas etapas de construção de consensos: a primeira referida aos grupos de trabalho, com a participação dos coordenadores dos cursos, docentes e alunos de Cursos de Graduação em Saúde Coletiva (CGSC) de algumas Universidades, que se deslocaram para Salvador para essa reunião e de alunos da UFBA e membros do GT de Trabalho e Educação. A segunda etapa, representada por uma plenária, onde também estiveram presentes, gestores do SUS, representações do CONASS e do CONASEMS, uma grande audiência dos professores e pesquisadores do ISC-UFBA, expressiva participação dos estudantes dos CGSC, do Mestrado e do Doutorado, além da equipe de Trabalho e Educação da Secretaria Estadual de Saúde.

A abertura dos trabalhos da Oficina foi realizada pela Profa. Isabela Cardoso Pinto, coordenadora do GT de Trabalho e Educação da ABRASCO, situando o compromisso do GT com o acompanhamento das pautas de implantação da Graduação em Saúde Coletiva no Brasil, sendo esse tema da maior oportunidade, pelo avanço dos cursos já implantados em todas as regiões do Brasil e a proximidade da conclusão das primeiras turmas, ainda em 2012.

Nessa ocasião, a coordenadora levantou a importância de que os grupos considerem a perspectiva de absorção dos jovens sanitaristas mediante concursos, sugerindo o exame dessa questão pelo grupo, com as especificidades que o assunto requer. Destacou ainda, que a absorção desse

sanitarista graduado deve ser pensada pelos serviços, com o mesmo grau de importância dado aos pós-graduados, nos ciclos anteriores de formação e na atualidade. Nesse momento, destacou a Profa. Isabela, todos devem se debruçar sobre o conjunto das modalidades de formação, pensando de maneira incluyente com relação à absorção dos jovens sanitários graduados.

Todos os coordenadores congratularam-se com a iniciativa dessa reunião e levantaram as questões mencionadas a seguir, como essenciais e que deveriam ser levadas em consideração nas discussões dos grupos.

- A perspectiva de mudança de referencial dos cursos, buscando a unificação para “Graduação em Saúde Coletiva”;

- A necessidade de desdobrar entendimentos com o MEC com vistas ao reconhecimento do curso;

- Tomar conhecimento e apoiar alguns cursos que ainda estão buscando reconhecimento interno em suas respectivas Universidades, mas que têm problemas para aprová-los nas instâncias regulatórias em função da carência de professores e o não avanço da proposta do REUNI.

- Constatar que alguns cursos estão revendo seus projetos políticos pedagógicos a partir das primeiras turmas, redefinindo inclusive seus “lugares” originais.

Com essas primeiras aproximações, os grupos de trabalho se reuniram para examinar a seguinte pauta:

- Tem havido articulação entre e os serviços e os cursos? No que se refere à imersão dos alunos nos espaços de trabalho desses serviços? Quais as perspectivas, dificuldades e necessidades de aperfeiçoamento?

- Como os coordenadores, professores e alunos estão vendo as perspectivas de inserção dos egressos dos CGSC no mercado de trabalho no SUS? E em outras possíveis inserções? Principais problemas, possibilidades, perspectivas e necessidades de aperfeiçoamento.

- Tem havido manifestação dos gestores do SUS, ou de outros gestores com vistas à absorção dos novos sanitários, após a graduação? Principais problemas, perspectivas e necessidades de aperfeiçoamento.

2. Desenvolvimento da Oficina

Principais discussões da primeira plenária:

- Considerar o VERSUS como um caminho que objetiva a integração ensino-serviço no processo de formação.

- A entrada dos alunos nos espaços de aprendizagem dos serviços é um benefício que vai além da sua formação individual. Nesse processo os

serviços têm oportunidade de renovar suas pautas e de experimentar a novos olhares sobre a realidade do SUS e da Saúde Coletiva. O VERSUS foi considerado um modelo a ser explorado, como alternativa viva de aprendizagem.

- Foi referido que a saudável “rebeldia” dos jovens, repete o fenômeno de ciclos passados da incorporação de jovens sanitaristas nos serviços de saúde, agora com outros olhares críticos, tão necessários à renovação das práticas, à formação de novos sujeitos e à politização das questões no campo da Saúde Coletiva.

- Sobre a questão dos conteúdos do campo biológico nos cursos, concluiu-se que cada curso tem a sua realidade no âmbito das suas Universidades e os projetos político pedagógicos são diversos; esse fato é mais um indicador da saudável diversidade nacional.

- A intersectorialidade que é elemento constitutivo do campo da Saúde Coletiva foi também trazida como importante, demandando esforços das coordenações e docentes dos cursos para buscarem alianças com outros setores implicados na construção da prática do sanitarista.

- Nossos alunos da graduação estão chegando para atuar em um Sistema de Saúde Universal, com um número imenso de usuários de um país continental, e isso produz uma diferença nos desafios que eles vão enfrentar no mercado de trabalho.

- O grande mercado de trabalho é público, interiorizado, e há vazios de profissionais em muitas localidades, e essa realidade está sendo problematizada pelo Ministério da Saúde em articulação com os gestores dos Estados e Municípios. A Saúde Coletiva também deve se integrar a essas preocupações e ocupar espaços.

- Foi ressaltada a importância da Universidade se envolver com a divulgação desses cursos, com seus desdobramentos, com uma atitude proativa exercendo a militância quando necessário, considerando a oferta desses cursos é uma inovação e a incorporação dos egressos nessa proposta reveste-se de fundamental importância e não é trivial. Foi destacada a necessidade de construir alianças, construir elementos de políticas, tendo a Escola como um lugar de vocalização política.

- Um relato exemplar de proatividade dos CGSC foi apresentado pelo Acre, estado que formará a primeira turma ainda em 2012. Com a mobilização da coordenação do curso, naquele Estado, a Graduação em Saúde Coletiva foi incluída no PROSAÚDE. Nesse Estado as Secretarias Estadual e municipal da capital estão em acordo, buscando concretizar o seu acolhimento aos novos alunos e aos futuros profissionais. Para a inclusão no PROSAÚDE, foi utilizado como instrumento legal a estrutura curricular do curso, entregue pela coordenadora do CGSC ao órgão gestor do sistema local de saúde. Os alunos inseridos aprendem e desenvolvem suas competências nesses espaços.

- Em Minas Gerais já se percebe um caminho mais aberto, com vagas de estágio nas áreas de incorporação tecnológica, gestão estratégica, urgência

e emergência, atenção primária e na área de planejamento, com possibilidade de contratação futura. No Rio de Janeiro vem ocorrendo a supervisão aos alunos com a participação dos docentes e com alunos de outros níveis de formação.

- Foi destacada a importância de apoiar as Escolas como espaços privilegiados que abrigam as graduações, para que entre outros papéis e responsabilidades, tenham retaguardas pedagógicas e administrativas asseguradas, sejam também espaços de debates contemporâneos estimuladores e aquecedores da qualidade da formação, e, ao mesmo tempo, contribuam para o enriquecimento das formulações das políticas de saúde.

- Foi considerado pelo grupo que a formação diversa (em vários níveis até o doutorado) deve ser considerada como um desafio e não como um problema, visto que há lugar para todos os egressos de todos os níveis de estudos e formação. Há que se valorizar o mérito na construção dos editais.

- Os estudantes demonstraram preocupações com a falta de títulos para participarem de concursos e seleções públicas. A conclusão da plenária sobre esse assunto convergiu para a reivindicação de que as provas tenham peso mais elevado que os títulos na elaboração dos editais, para dar chance à disputa dos novos profissionais. Todos foram unânimes em reconhecer que não se tratava de restrições, e sim, de buscar formas legais e criativas que permitam incluir quem está chegando ao mercado de trabalho.

Dentre as questões e preocupações levantadas pelos estudantes sobressaíram:

- A perspectiva da regularização dos cursos, indicando-se a necessidade de buscar esse reconhecimento direto com o MEC. Também foi lembrada a linha de discussão para a criação dos Conselhos. O reconhecimento dos cursos abre inúmeros caminhos de possibilidade para os alunos, em relação a estágios e futuros empregos, via concursos públicos.

- A potencial ameaça focada em algumas análises, e que aparece em alguns fóruns de discussão, em transformar os atuais CGSC em cursos de formação de tecnólogos.

- A discussão de carreira também entrou em perspectiva, necessitando de aprofundamentos posteriores, uma vez que ela está vinculada à noção de cargo ainda não resolvida pelas instâncias executivas.

- Uma das representantes estudantis apresentou o produto do que os alunos já produziram, com a aprovação de uma moção na plenária da 14ª Conferência Nacional de Saúde.

Dentre as sugestões estudantis sobressaíram: Antecipar o debate com os pós-graduandos, com os conselhos de categorias profissionais e outras executivas de cursos; operacionalizar a proposta de um abaixo assinado dirigido ao Conselho Nacional de Saúde; propor uma agenda com o CONASEMS contando com a ajuda do COSEMS do Rio de Janeiro e com a SEGETES. A representante estudantil destacou que a Universidade é

responsável pela busca de muitas dessas soluções, e, reconheceu que a realidade atual já superou muitas dificuldades decorrentes da criação dos cursos, sem uma necessária retaguarda.

- A Coordenadora do GT ressaltou que o conjunto de reitores também pode ser buscado como aliados, para abrir canais com o MEC.

- Foi sugerido que a ABRASCO intermediasse uma relação com o Conselho Nacional de Educação, inclusive com a apresentação de um documento que venha a facilitar aos conselheiros a compreensão da característica e a importância dessa inovação.

- Também foi sugerida essa mesma movimentação em relação ao Conselho Nacional de Saúde, através da CIRH, mas também, se necessário, levando ao plenário do Conselho.

- Foi sugerido que a Universidade seja protagonista nesse processo e acompanhe de perto os desdobramentos.

Principais conclusões da primeira plenária:

- É preciso falar a linguagem dos gestores, procurar responder porque esse profissional é importante para os serviços, buscar o diálogo com os gestores e superar as barreiras decorrentes de uma reserva de mercado que não incluía os egressos dessa modalidade de formação.

- Há uma necessidade clara de ampliar a visibilidade dos cursos e de suas propostas emanadas dos coordenadores, dos docentes, dos alunos, do Grupo de Trabalho e do Fórum de Graduação, no âmbito da ABRASCO.

- Importância de construir uma aproximação com o controle social do SUS.

- Valorizar a aproximação com os Conselhos: CNS, CONASS, CONASEMS e os COSEMS.

- E, finalmente, o grupo destacou que essas discussões devem servir de base a um processo político que tenha como pano de fundo, o DIREITO AO TRABALHO para todos os jovens, positivando o caráter de inclusão dos jovens nesse direito, e que deve ser adotado como um guia importante para abrir espaços no mercado de trabalho e nas articulações políticas a serem realizadas.

A segunda parte dessa Oficina foi concretizada na Mesa Redonda que se realizou nas dependências do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, sob o título de “Mercado de Trabalho para os novos profissionais da Saúde Coletiva”, coordenada por Isabela Pinto, com abertura de Luís Eugenio (Vice-presidente da ABRASCO) e tendo como palestrantes: Márcia Teixeira (ENSP), Tânia Celeste Nunes (ENSP/ FIOCRUZ), Jorge Solla (Secretário de Saúde do Estado da Bahia), Haroldo Jorge Carvalho de Pontes (CONASS), Daniel Pinto (CONASEMS), Bianca Leandro (Representação Estudantil do Fórum dos CGSC da ABRASCO). Na audiência estiveram todos os participantes dessa

Oficina, convidados da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia representantes da área de gestão do trabalho naquela instituição, os docentes do ISC-UFBA, o Sub-Secretário de Saúde do Rio de Janeiro representando o CONASEMS, o Subsecretário de Saúde do Ceará, representando o CONASS, membros do GT Trabalho e Educação na Saúde da ABRASCO e alunos professores de todos os cursos de graduação e pós-graduações daquele Instituto.

A coordenadora da mesa redonda, Profa. Isabela Pinto ressaltou a importância desse temário estar integrando a Sessão Científica do ISC/UFBA quando se reúnem professores, pesquisadores e estudantes da pós graduação e naquele dia se acolher a iniciativa do GT de Trabalho e Educação da ABRASCO com a presença de docentes e estudantes dos CGSC de Universidades de vários estados da federação. Para tanto, a mesa foi composta de representantes da academia, representação estudantil e gestores do SUS.

O Prof. Luís Eugênio Portela, Vice-Presidente da ABRASCO falou em nome da diretoria da ABRASCO e ressaltou o acolhimento que essa Instituição tem dado ao tema, mostrando sensibilidade e reconhecendo a importância para a formação desses novos profissionais, cuja expectativa é que não sejam somente sujeitos técnicos, mas também atores políticos. E a organização dessa sessão especial é uma demonstração dessa importância. Lembrou que essa problemática terá espaço especial e será muito discutida durante o próximo Congresso da ABRASCO em Porto Alegre, em novembro.

A Pesquisadora Márcia Teixeira apresentou alguns aspectos revelados pelos estudos sobre mercado de trabalho em saúde que vêm sendo realizados por um grupo de pesquisadores da ENSP-FIOCRUZ. Em sua apresentação a pesquisadora levantou questões relativas aos caminhos do emprego em saúde na atualidade, iniciando por uma caracterização do mercado de trabalho. Para ela, é um mercado que gira em torno de mais de dois milhões de empregos, espaço privilegiado que tem papel diferenciador com grande volume de tecnologias, diversificado espaço de produção de rendas, salário médio mais alto do que os outros segmentos nas áreas urbanas, e com um triplo benefício para a saúde: capacidade de gerar emprego e renda, e aumento de salário e de qualificação. Todavia, há questões preocupantes: De que forma este trabalho tem sido gerido e incorporado? Qual a melhor forma e desenho institucional para incorporá-lo? Como estão se dando as relações de trabalho? A crise do trabalho se manifesta nas relações de trabalho, como por exemplo, na desregulamentação e as formas de contratação do pessoal de saúde no âmbito dos novos formatos da Organização Social e Fundação Estatal não tem preocupação com a questão das relações de trabalho. A expositora sugeriu os seguintes temas para o debate: A) a preocupação positiva com o crescimento

do mercado de trabalho em Saúde. B) Alto potencial de incorporação do trabalho qualificado no momento dos novos desenhos institucionais; C) Como conseguir aumentar o capital social das relações de trabalho no mercado de trabalho em Saúde.

A revisão da evolução histórica da formação dos sanitaristas e o que está acontecendo com o ingresso desse novo sanitarista foi o tema da fala da Dra. Tânia Nunes ao apontar os novos caminhos para eles. Iniciou com a análise dos elementos do contexto caracterizado por a) uma permanente expansão do Sistema de Saúde com uma significativa municipalização e reordenação dos papéis de todos os federados e do controle social; b) vazios de renovação no Sistema de Saúde versus caminhos inovadores temáticos e tecnológicos sendo abertos no caminho da expansão do sistema; c) recente revalorização da função pública e entrada dos mestrados profissionais no mercado de trabalho, mas que não supre a necessidade de pessoal determinada pela permanente expansão.

A expositora discorreu sobre o que aconteceu nos ciclos anteriores de formação e inserção desse profissional no mercado de trabalho de saúde: a) nos anos 70 e 80 com os cursos básicos de Saúde Pública e a formação de uma massa crítica, com inicialização sólida e crítica, concomitante a consolidação das bases da moderna Saúde Pública brasileira; b) anos 90 com a redução dos cursos de curta duração e aumento das especializações temáticas com forte investimento na pós-graduação strictu sensu; c) nos anos 2000 com a entrada dos mestrados profissionais, volta-se a falar na carreira do sanitarista, tempo em que a graduação se origina e se expande. Ela discutiu também a caracterização do contexto mais atual, a partir do processo de renovação do campo, para atender às necessidades da municipalização, maior profissionalização e complexização do SUS e novas formas de controle público, numa sociedade civil mais ativa e com instrumentos de intervenção.

Outro aspecto levantado pela Professora Tânia Nunes é que o SUS parece precisar de uma renovação do pensamento crítico, com novos olhares, que alimentem reflexões mais contextualizadas em relação à formação anterior. Nesse sentido, a questão a ser colocada é como se organizará a equipe de Saúde Coletiva, visto que, os processos de trabalho definem as especificidades dos vários profissionais da Saúde, levando em conta que a estruturação da carreira se submete à legislação e seus Conselhos Profissionais. Por fim, discutiu como serão os sanitaristas absorvidos neste novo ciclo dentro do trabalho e da educação permanente envolvendo a todos. A legislação do diplomado, as disposições transitórias e a educação permanente são fatores que se deve levar em conta, e chamou atenção para assegurar a seleção dos novos trabalhadores de que é necessário neste primeiro período os órgãos contratantes atuarem com criatividade, pensando

em elementos legais mas com capacidade de promover inclusão e com clareza das especificidades dos trabalhos a serem realizados pelos jovens sanitaristas. Para tanto, pode-se pensar na possibilidade de construir editais que dêem menor peso às pós-graduações abrindo espaços para os perfis dos graduandos; e aumentar os pesos das provas escritas. Esse poderia ser um formato a ser adotado dando a chance aos recém formados de realizarem boas provas e tendo acesso ao mercado de trabalho. Complementou ainda que a Educação Permanente em Saúde é um bom instrumento de gestão que favorece o diálogo entre graduados e pós graduados, em atividade integrada e de análise crítica da realidade e de reconstrução permanente do processo de trabalho.

A representante estudantil Bianca Leandro membro do Colegiado Gestor do Fórum dos CGSC da ABRASCO, membro da Coordenação Nacional dos Estudantes de Graduação de Saúde Coletiva, e aluna do CGSC /UFRJ, iniciou sua fala com a evolução histórica do movimento estudantil dos CGSC, e pontuou as seguintes características: A) Os estudantes começaram a se organizar de forma virtual através de espaços on line. B) Em 2009, houve a primeira assembleia nacional dos estudantes dos CGSC, durante o Congresso da ABRASCO, em Recife, PE. C) Em 2010, houve outra assembleia nacional em Salvador, quando foi criado o Fórum dos CGSC; houve um encontro nacional no Rio de Janeiro, ocasião em que se fundou o CONESC com 21 membros. Menciona que nesta sessão que discute o mercado de trabalho estão presentes representantes de várias Universidades.

Bianca ressaltou que a questão do mercado de trabalho tem sido tratada como esse ingresso vai se dar, o que se tem de fazer e como fazer. Reconheceu que o mercado de trabalho do setor público, o do SUS, é a bandeira de luta dos estudantes dos CGSC, e na perspectiva estudantil, o mercado privado é o espaço possibilitador a questionamentos, reflexões e problematizações. Os estudantes não concordam com a reserva de mercado para a graduação em relação à pós-graduação nos seus diversos níveis, e acham que deve estreitar os laços com esses tipos de formação em todas as necessidades existentes. Isso porque, o SUS precisa de profissionais diversificados, incluindo os novos egressos dos CGSC.

Quanto à formação Bianca mencionou que cada estado tem estabelecido o seu diálogo com as suas Secretarias de Saúde. Em 2011, se conseguiu ao nível nacional aprovar três moções junto ao CNS que reconhecem que o CGSC forma sanitarista: no âmbito da Conferência Estadual de MT, da Conferência Estadual do Acre, e da Conferência Nacional de Saúde. Chamou atenção de que há duas turmas que se formam esse ano, e revendo na linha do tempo, o movimento estudantil inicialmente lutou pelos cursos de Saúde Coletiva, em seguida, criou-se o CGSC, e atualmente é saber sobre

onde vão estar inseridos esses profissionais, sabendo-se que eles estão sendo absorvidos pelo mercado de trabalho. Em suma, o diálogo / discussão dos estudantes sobre essa questão se dá junto com os pós-graduandos, com o CONASS E CONASEMS, Conselho Nacional de Educação (discussão sobre a tentativa do reconhecimento dos cursos), Conselho Nacional de Saúde, CEBES e outros movimentos sociais.

Dr. Jorge Solla, Secretário de Saúde do Estado da Bahia, pontuou a importância de aprofundar o debate acerca da inserção desses novos profissionais que breve estarão no mercado de trabalho, e esse diálogo ocorre desde o início da sua gestão. Chamou atenção para a conjuntura atual com o desenvolvimento promissor do SUS, e que se vive um momento excepcional de expansão do Sistema de Saúde junto com o momento de crescimento do país com geração de emprego e renda, em que o setor saúde agrega uma série de elementos positivos para a economia local trazendo benefícios diretos para a população. Trata-se de uma área que tem a capacidade de empregar profissionais com as diversas qualificações, como por exemplo, desde os ACS até os postos mais específicos e qualificados.

Nesse sentido, segundo Solla, a expansão do Sistema de Saúde ocorre no âmbito da revisão do papel do Estado e da municipalização e os entes federados, com aumento da necessidade de recursos humanos para dar conta, principalmente das lacunas no âmbito da gestão e da Vigilância à Saúde. A política de formação de profissionais, para ele, precisa dar conta destes postos de trabalho, principalmente num país como o nosso que se tem uma ausência total de regulação da formação profissional. Sobressaiu que a formação não é ajustada à necessidade do Sistema de Saúde e do preenchimento dos postos de trabalho. E quanto aos CGSC há que se estruturar a inserção desses profissionais que estão se formando. E o que se percebe é que os postos de trabalho que poderiam ser preenchidos pelos graduandos dos CGSC são preenchidos por egressos da enfermagem.

Jorge Solla chamou atenção que esse debate é um momento privilegiado para aprofundar essa questão pensando em reestruturar a carreira de sanitário, de sorte a que se tenha uma carreira única com a inserção do graduando e buscando como ficaria a inserção do pós graduando. Porém, esse debate mostra que isto não é tão simples, passa por um diálogo com a Procuradoria Geral do Estado e com a Secretaria de Administração pois há carreiras que têm como pré-requisito o curso de especialização ou seja, está aberta apenas ao pós-graduado. Por fim, ele conclui que o sanitário poderia ter uma carreira de dupla entrada, uma para a pós – graduação e outra para a graduação, a de bacharel em Saúde Coletiva com a possibilidade de no futuro se criar mecanismos de unificação. Apresentou em primeira mão para ali ser

debatido o projeto de lei que a SUPERH / SESAB cuja atuação do sanitarista se daria em duas áreas gestão em Saúde Pública e Vigilância à Saúde.

O representante do CONASS, Dr. Haroldo Carvalho Pontes disse que trazia o compromisso de que a partir desse encontro levaria alguns encaminhamentos sobre essa questão nos GTs do CONASS. Falou da importância de se formar gestores para atender à grande necessidade desse profissional nos municípios, cuja atividade é muitas vezes exercida por quem não tem qualquer graduação. Atualmente está na direção da Escola de Saúde Pública do Ceará e trabalha muito fortemente para estreitar a relação ensino – serviço que é uma problemática permanente que se coloca para os CGSC face ao atendimento do perfil desse graduando que venha atender às necessidades da realidade em que se está vivendo.

Dr. Daniel Pinto, representante do CONASEMS discorreu sobre os seguintes pontos: a) contextualização da reforma que a Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro está passando; b) o perfil dos gestores de Saúde da Prefeitura do RJ; c) Alguns aspectos da Secretaria de Atenção Básica; d) Pontos que precisam ser focados para a formação dos gestores.

Para o expositor a formação do sanitarista é heterogênea e se complexiza a discussão quando se fala na sua inserção no mercado de trabalho da rede de saúde do Rio de Janeiro, que se apresentava com um quadro de crise e sérias distorções dos gastos em saúde. Para ele, entre outras explicações dos obstáculos conjunturais, a mais clara é a da falta de planejamento, a falta de gestores e de sanitaristas no âmbito dos sistemas de saúde, visto que, os que estavam, até então, pareciam conhecer pouco de Saúde Pública. Esse quadro mudou a partir de 2009 quando se enfatizou a atenção primária na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de aumentar o Sistema Público de Saúde e diminuir o sistema privado, incluindo-se a classe média nessa atenção. Atualmente, apesar do sucesso das equipes de Saúde da Família, falta ainda um planejamento claro e sustentável.

Daniel Pinto traçou o perfil dos atuais gestores da Saúde e disse que o mercado de trabalho atual refletia as distorções em que há muita oferta de algumas profissões e carência se outras tais como médicos e gestores sanitaristas, daí haver muita necessidade dos egressos dos CGSC, o que vale dizer que dificilmente eles ficariam desempregados para suprir as necessidades da Saúde. Ressaltou que outro aspecto muito importante neste perfil de gestores é a formação de lideranças para conduzir a reforma de saúde no Rio de Janeiro, o que ocorreu dentro da própria Secretaria de Saúde visando melhor qualificar a sua mão de obra que já estava na gestão. Nesse sentido, identificou os seguintes espaços / locais do mercado de trabalho para o profissional com formação em Saúde Coletiva / Saúde pública / sanitarista

para atuar na investigação epidemiológica, análise de situação de saúde, e, planejamento, orçamento e auditoria.

Chamou atenção, por fim, de que a academia e os gestores devem ter as seguintes preocupações: a) A formação do sanitarista não deve significar o esvaziamento de outros cursos; B) Importância que a formação desses profissionais seja contextualizada no âmbito das condições dos serviços e de suas rotinas; C) Não segmentar a assistência da promoção, atenção e vigilância; D) Espera que não atuem no sistema privado.

O debate em plenária que se seguiu às exposições teve uma calorosa participação dos presentes com apoio às ideias que buscam a inclusão dos jovens sanitaristas com processos consoantes com a nova realidade, onde graduados e pós graduados em Saúde Coletiva devem ser vistos de forma integrada e complementar no interior das equipes de trabalho. Nesse sentido, os processos seletivos e da organização do trabalho devem dar conta dessa nova realidade. O entendimento entre as Secretarias de Saúde e suas correspondentes Procuradorias e Secretarias de Administração deve ser buscado, para que seja compreendida a especificidade da saúde e encontrados caminhos de promoção da inclusão dos variados quadros de sanitaristas, graduados e pós graduados dos diferentes contextos onde os cursos veem sendo ofertados.

Finalmente, chamou-se atenção para as providências a serem encaminhadas junto aos Conselhos das áreas de saúde e de educação e outros órgãos regulatórios, para acelerarem os processos de reconhecimento dos cursos de Graduação em Saúde Coletiva e da profissão.

ANEXOS

Anexo 1

“Mercado de Trabalho para os novos profissionais da Saúde Coletiva”

PROGRAMA DA OFICINA

Objetivo: Debater sobre o mercado de trabalho, inserção desses profissionais e estratégias capazes de viabilizar a absorção dos egressos dos Cursos de Graduação de Saúde Coletiva.

Local: Hotel Sol Victoria Marina

Endereço: Av. Sete de Setembro, 2068, Corredor da Vitória

Data: 29 e 30 de março de 2012 - Salvador, Bahia.

PROGRAMA

PRIMEIRO DIA 29/03/2012 – QUINTA FEIRA

13:30h – Abertura e boas vindas

- Diretor do ISC / UFBA: Prof. Dr. Eduardo Mota
- Representante da Diretoria da ABRASCO – Prof. Dr. Luis Eugênio Souza
- Coordenadora do GT de Trabalho e Educação na Saúde da ABRASCO e Coordenadora da Oficina: Profa. Dra. Isabela Cardoso Matos Pinto (ISC/UFBA)

14:00h: Trabalho de Grupo: Problemas e Expectativas frente ao mercado de trabalho: a fala dos coordenadores dos Cursos de Graduação em Saúde Coletiva

17:00h: Plenária com debatedores

SEGUNDO DIA 30/03/2012 – SEXTA FEIRA

Local: Auditório do ISC/UFBA

9:00h às 12:30h Mesa Redonda “Mercado de Trabalho para os novos profissionais da Saúde Coletiva”

Coordenação: Isabela C.M.Pinto

Debatedora: Márcia Teixeira (ENSP)

Participantes: Tânia Celeste Nunes (ENSP/ FIOCRUZ), Jorge Solla (Secretário de Saúde do Estado da Bahia), Haroldo Jorge Carvalho de Pontes (CONASS), Daniel Pinto (CONASEMS) e Representação Estudantil.

14:00h às 16:30h – Elaboração do Documento para subsidiar o debate sobre a entrada dos egressos dos CGSC no mercado de trabalho

16:30 h - Recomendações e desdobramentos

17:00 h – Encerramento

Anexo 2

**Oficina de Graduação em Saúde Coletiva: Mercado de Trabalho para os
novos profissionais de Saúde Coletiva**

29/03/2012

Trabalho de grupo

1 – ARTICULAÇÃO ENSINO –SERVIÇO:

Tem havido articulação entre os cursos e os serviços no que se refere à imersão do aluno nos espaços de prática?

Quais vocês destacariam?

Perspectivas, dificuldades e necessidades de aperfeiçoamento.

2 – A PERSPECTIVA DA UNIVERSIDADE:

Como os coordenadores, professores e alunos estão vendo a perspectiva de inserção dos egressos dos cursos de saúde coletiva no mercado de trabalho - SUS e outros?

Potencialidades, dificuldades e necessidades de aperfeiçoamento.

3 - A PERSPECTIVA DOS SERVIÇOS:

Tem havido manifestações dos gestores (SUS / outros) com vistas a absorção do novo sanitário após a graduação?

- *Estratégias de aproximação
- *Manifestação dos gestores
- *Envolvimento dos órgãos de recursos humanos
- *Outros

Perspectivas, dificuldades e necessidades de aperfeiçoamento.

Anexo 3

PARTICIPANTES DA OFICINA

- Alba Regina S. Medeiros (estudante, ISC/UFMT)
- Alcione Cunha Brasileiro (docente CGSC /ISC/UFBA)
- Ana Cristina Souto (docente CGSC /ISC/UFBA)
- Antônio José Costa Cardoso (Coordenador CGSC / UNB)
- Bárbara Bulhões L Andrade (estudante, IESC/UFRJ)
- Bianca Leandro (estudante, IESC/UFRJ, representante estudantil no Fórum dos Cursos de Graduação de Saúde Coletiva da ABRASCO)
- Camila Gomes de S. Andrade (estudante, ISC/UFBA)
- Camila Ramos Reis (estudante, ISC/UFBA)
- Daniel Ricardo Soranz Pinto (Subsecretario de Atenção Primária, Vigilância e Promoção da Saúde, Prefeitura do Rio de Janeiro, CONASEMS)
- Davllyn Santos Oliveira dos Anjos (pesquisador, ISC/UFBA)
- Eduardo Mota (diretor ISC/UFBA, ex-membro da Coordenação do Fórum dos CGSC da ABRASCO)
- Fernanda Silva Scher (estudante ISC/UFBA).
- Guilherme Souza Ribeiro (docente e vice-coordenador CGSC /ISC/UFBA)
- Haroldo Carvalho Pontes (Secretario Adjunto da Secretaria da Saúde do Estado do Ceará, CONASS)
- Isa Maria Hetzel de Macedo (docente/coordenadora CGSC / UFRN)
- Isabela Cardoso de Matos Pinto (Coordenadora do GT Trabalho e Educação na Saúde – ABRASCO, docente e vice-diretora do ISC/UFBA)
- Jacqueline F. Cintra Santos (docente vice-coordenadora CGSC / UFRJ)
- Janete Lima de Castro (docente /UFRN)
- Jorge Solla (Secretario da Saúde, da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia)
- Karina Cordeiro de Jesus (estudante CGSC /ISC/UFBA)
- Kenia Lara Silva (docente, Coordenadora CGSC / UFMG)
- Laís de Almeida (estudante IESC/UFRJ)
- Luan Cuiabano Arruda (estudante, UFMT)
- Luís Eugênio Souza (docente, ISC/UFBA, vice presidente da ABRASCO)
- Luís Oscar Cardoso Ferreira (coordenador CGSC, NISC/UPE)
- Márcia Teixeira (docente, ENSP/FIOCRUZ)

- Márcio Tadeu Ribeiro Francisco (docente/coordenador CGSC/ UVA)
- Marco Aurélio Bertúlio Neves (ISC/UFMT)
- Maria Lenita Duarte Aguiar (docente, coordenadora CGSC / UFAC)
- Mariana Harumi Sakata (estudante, UFMT)
- Mauricio Roberto C. de Macedo (docente, UFRN)
- Monique Espiridião Azevedo (docente CGSC /ISC/UFBA)
- Naomar Almeida Filho (docente ISC/UFBA)
- Neide Emy Kurokawa E. Silva (docente CGSC / UFRJ)
- Paulo Roberto de Santana (docente e coordenador da implantação dos CGSC – UFPE)
- Sheila Maria Alvim de Matos (docente, ISC/UFBA)
- Soraya Almeida Belisário (docente CGSC / UFMG)
- Suzane de Oliveira (Coordenadora CGSC, UFPR)
- Tânia Celeste Matos Nunes (Ex-coordenadora do GT Trabalho e Educação na Saúde – ABRASCO e pesquisadora da ENSP/ Fiocruz)
- Terezinha de Lisieux Q. Fagundes (docente colaboradora, pesquisadora, ISC/UFBA).
- Terezinha Marques (Técnica em Comunicação do ISC/UFBA)
- Vinício Oliveira da Silva (estudante CGSC /ISC/UFBA)
- Winston K. Almeida Bacelar (docente, UFU).